



Desenhos feitos por crianças da Escola Carlota de Negreiros Rocha, de Marília – SP, em cartinhas endereçadas a Dago Arena

EDITORIAL

EM BUSCA DO ATO DE LER PERDIDO

Por Dagoberto Buim Arena

Os leitores encontrarão neste boletim dois textos que se entrelaçam e enlaçam o ensino do ato de ler. Na seção *De professor para Professor*, Joelma Reis Correia, de São Luís, Maranhão, expõe com toda crueza a crueldade das avaliações externas que asfixiam crianças e docentes. Essa asfixia se dá por dois movimentos próprios das políticas de extrema-direita.

O primeiro é o de criar instrumentos frequentes de avaliação que substituem o processo de ensino. São tantos, de tantos órgãos, que servem a tantas intenções, que os docentes não têm tempo para serem docentes, de fato. Tornam-se aplicadores de avaliações elaboradas por entidades estranhas à escola. O segundo movimento é percebido no objetivo do instrumento de avaliação. Em vez de avaliar os atos de ler, as entidades estranhas se equivocam ou deliberadamente levam todos a equívocos. Organizam exercícios e métricas que avaliam se as crianças sabem retirar os sons de letras com velocidade. Os índices mensuram a fluência boa ou má, ou ausente.

Mas a sociedade pede outra avaliação do ato de ler! Quer saber se as crianças sabem trocar ideias com o autor do texto que está diante dos olhos. As crianças são, de fato, enganadas. Elas julgam

que os adultos as estão ensinando a ler os textos do cotidiano da vida. Na verdade, não estão! Os anos passam e os atos de ler restam perdidos pelo caminho. A vida vai lhes mostrar os enganos. Percebem, então, que os caminhos para os atos de ler eram outros. Os adultos responsáveis pelas políticas públicas as colocaram, deliberadamente, em outra rota.

Na seção *Eu faço assim*, Carla Kaori Matsuno Uehara e Gabrielle Dias Pereira, de Paulínia, SP, felizmente não se desviaram da rota principal. Desde pequenas, na educação infantil, as crianças não se submetem a avaliações estranhas para retirar sons estranhos das letras. Ao contrário, são postas em situações que as levam a tentar compreender, pelos atos de ler, os cardápios de suas refeições na escola, e a criar, não apenas com as letras, mas com a manipulação de caracteres, pelos atos de escrever, novos cardápios.

As docentes não criam armadilhas que desviam as crianças da boa rota, nem as deixam perder, ao longo dela, o ato de ler. Ao contrário, a sua metodologia abre as portas para o mundo da escrita do cotidiano, para os atos de ler e de escrever fundamentais para a compreensão da vida e para o desenvolvimento intelectual e cultural das crianças.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

DESVIAR-SE DA ROTA PARA SE ENSINAR O ATO CULTURAL DE LER

Por Joelma Reis Correia

Em tempos de políticas públicas de alfabetização avassaladoras, cujas avaliações externas entram no espaço escolar sem pedir licença aos sujeitos que lá se encontram, nunca foi tão urgente dialogar com professores alfabetizadores sobre o ensino do ato cultural de ler, de modo que eles encontrem, nos espaços onde atuam, brechas para transgredirem e, assim, resistirem às prescrições que lhes são determinadas para treinarem as crianças a fim de responderem a tais avaliações.

Se durante os anos de 2008 a 2017 vigorou apenas a Provinha Brasil para avaliar o nível de leitura das crianças do 2º ano Ensino Fundamental, cuja aplicação, a partir de 2012, ocorria duas vezes ao ano (no início e ao final do período letivo), durante o ano de 2025 esse processo se acirra, visto que meninos e meninas que estão aprendendo a ler são submetidos a cinco avaliações externas diferentes: Compromisso Nacional Criança Alfabetizada – CNCA; Teste de Fluência; Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB; a avaliação particular de cada estado federativo, a exemplo da que ocorre no Maranhão - o Sistema de Avaliação do Estado do Maranhão - SEAMA; e, por fim, a avaliação adotada em muitos municípios brasileiros, coordenada por Consultorias, como a Lyceum Consultoria Educacional, criada em 2009, com sede em Sobral/CE.

Todas essas avaliações apresentam praticamente a mesma rota: instruir o professor para que a criança “aperte” a letra para extrair o seu som, cujo propósito é identificar se ela já desenvolveu as habilidades de pronunciar fonemas ou os segmentos sonoros das palavras. Situar essa problemática nos faz concordar com Arena (2007), que há muito vem afirmando que o tema pode não ser novo, mas também não envelhece, pois continua “[...] recorrente, persistente, incômodo, porque atravessa a história” (ARENA, 2007, p. 1) e, por esse motivo, é merecedor de discussão em muitos Boletins do NAHum.

E, assim, crianças são classificadas na leitura conforme o nível que ocupam em relação ao desempenho nesses testes. Como diz Smith (1989, p.253),

“[...] o primeiro problema com os testes é que dão aos professores e alunos uma ideia distorcida sobre a natureza da leitura e do que deve ser feito para ensinar uma criança a ler (ou para satisfazer alguma autoridade exterior acerca de que a criança está aprendendo a ler)”.

Os testes são destruidores porque as crianças cumprem ordens e executam exercícios que não compreendem. Consequência fatal: se sentem incompetentes para compreender o que veem. Em algumas instituições de ensino, esse resultado é estampado logo na entrada da escola, conforme mostra a figura a seguir, com cartaz bem elaborado, evidenciando o número de crianças “leitoras” (na verdade, aprendizes em retirar sons) de letras, sílabas, textos etc. Com isso, o olhar do professor e o seu esforço está sempre na direção da elevação desses números, o que se intensifica com as premiações que chegam, tão presentes nessas políticas, impedindo-o de desconfiar de que a valorização e o mérito a ele atribuídos não é nada mais do que um dispositivo de produção e competitividade, bem como de individualismo e desumanização, o que significa que, caso não atinja o percentual desejado, a responsabilidade será sua e não da estrutura social, política e educacional que instituiu os testes.

Essa rota estabelecida vai direcionar as crianças, que são concebidas como números, a banharem-se no grande mar das ciências naturais, à medida que somente a condição biológica é considerada para ensinar a ler, proibindo-as de, pelo menos, colocarem o pé no mar das ciências humanas, visto que a sua história, a sua cultura e todas as suas experiências relacionadas à escrita não são relevantes nesse processo. Na verdade, suas experiências “[...] chegam à porta da escola, mas não atravessam a soleira, ficam lá fora” (Arena, 2021).

Temos aprendido com Vygotski (2010) que, para as crianças se desenvolverem em suas máximas qualidades humanas, elas precisam, desde o início, conviver com os instrumentos culturais na sua forma ideal ou final, ou seja, da forma como eles aparecem na sociedade. Portanto, ao ensinar a ler cardápios, é preciso

que o professor crie situações verdadeiras para que, de fato, a criança tenha a possibilidade de interagir com esse gênero textual tal qual se apresenta nas relações enunciativas concretas, que estão sempre vinculadas a uma esfera da vida.

Quando lançamos o olhar para as questões propostas pelos testes, aos quais as crianças em processo de alfabetização são submetidas, percebemos o caráter limitante e reducionista de como tratam a leitura. Na intenção de que as crianças se saiam “bem” nessas provas e, conseqüentemente, alcancem os números desejados, as professoras passam a adotar essa mesma rota para ensinar a ler, o que contribui para que as crianças se desenvolvam “[...] de modo muito lento, muito particular e nunca atingirão aquele nível que atingiriam quando existe no meio uma forma ideal correspondente” (Vygotski, 2010, p.701). Assim, mais uma vez, sem desconfiar, as professoras cumprem o propósito das avaliações externas: ensinar as crianças apenas a pronunciar. Ao contrário, caso elas, desde o início, se tornem leitoras e criadoras, o que somente pode acontecer pelo acesso à forma final, desmontam a estratégia eficiente e ardilosa de deixá-las à margem da humanização.

Por tudo isso, é mais que urgente que professoras se desviem da rota e sigam as discussões sobre o ato de ler defendidas por autores como Bajard (2012), Jolibert (2006), Arena e Arena (2025) e tantos outros, diluídas nas várias reflexões teóricas e demonstrações de práticas produzidas pelo NAHum, que nos ajudam a compreender que ler não pode estar dissociado do sentido, da riqueza e diversidade de gêneros, pois são infinitas as possibilidades que as crianças têm na vida de viver essa atividade: “para responder à necessidade de viver com os outros, na sala de aula e na escola; para se comunicar com o exterior; para descobrir as informações das quais se necessita; para fazer brincar, construir [...]; para alimentar e estimular o imaginário; para documentar-se no quadro de uma pesquisa em andamento” (Jolibert e colaboradores, 1994, p.31). Nunca é demais afirmar que as professoras precisam estar com olhos e a escuta atentos para perceber as necessidades das crianças que pulsam no dia a dia da sala de aula ou da escola.

Se a diversidade de gêneros precisa inundar o espaço da sala de aula, as crianças devem ser ensinadas, desde o princípio, que estão operando sobre

uma matéria gráfica e não sobre uma matéria sonora, já que o objeto de estudo é a linguagem escrita, não a oral (Bajard, 2012). Para tanto, é preciso que a escola proporcione a elas experiências de “Descobertas do texto”, momentos em que terão a oportunidade de viver metodologicamente um encontro intenso com o gênero, compreendendo-o na sua integralidade. Deste modo, nos desviamos da rota que, mais do nunca tem orientado professores alfabetizadores a acreditarem que a criança em processo de alfabetização só poderá atribuir sentido ao que lê em anos posteriores, se souber escapar das armadilhas postas em seu caminho.

Referências

ARENA, Dagoberto Buim. Relações entre ler e fazer locução no ensino fundamental. In: *CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL*, 16., 2007b, Campinas. Anais... Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais16>> Acesso em: 21 maio 2010.

_____. Palestra aula: Freinet e Voloshinov: uma perspectiva crítica do ensino da cultura escrita na escola. *IV Colóquio Lecturi: refrações das palavras freinetianas para a educação do século XXI*. Uberlândia, 2021.

ARENA, Adriana Pastorello Buim; ARENA, Dagoberto Buim. *Alfabetização Humanizadora: princípios e funções de caracteres*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

BAJARD, Élie. *A descoberta do texto*. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

JOLIBERT, Josette e colaboradores. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Quarta aula: A questão do meio na pedologia*. Psicologia USP, São Paulo, 2010, 21 (4), 608-701.

A DESCOBERTA DO TEXTO E SUAS FUNÇÕES SOCIAIS: POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por Carla Kaori Matsuno Uehara e Gabrielle Dias Pereira

As crianças nascem inseridas em um mundo no qual os registros gráficos compõem múltiplas possibilidades de troca cultural. Desde o seu nascimento, elas entram em contato com os diversos sistemas gráficos (várias formas de escrita, imagens, sinais, formas audiovisuais etc.). É papel da escola considerar estas experiências para aprofundar os conhecimentos relacionados aos atos de ler e de escrever.

Apresentaremos uma prática desenvolvida na Emei Neusa Aparecida Pereira Caron, escola pública da Rede Municipal de Educação de Paulínia, SP, que trabalha a Pedagogia de Célestin Freinet e que, atualmente, inseriu a mediação de leitura e descoberta do texto, práticas pedagógicas elaboradas por Élie Bajard. Nesta seção, descreveremos a descoberta realizada pelas professoras Gabrielle, Aneci e a monitora Antônia.

A descoberta do cardápio escolar

Essa experiência foi feita com uma turma de 20 alunos da Etapa I da Educação Infantil. O planejamento considerou os interesses e necessidades da turma que, frequentemente, perguntava qual seria o lanche ou o almoço a ser servido.

Propusemos a descoberta dos sentidos do cardápio. O texto gráfico foi apresentado durante uma roda de conversa para que as crianças pudessem levantar hipóteses iniciais a partir da pergunta: “Sobre o que é o texto?”.

Muitas crianças disseram que se tratava de uma receita, porque já havíamos trabalhado com o texto de uma receita de chup-chup de banana. Após a comparação entre a configuração gráfica do cardápio e a da receita, perceberam que os textos eram diferentes. Partimos, então, para descoberta do texto.

À medida que as ações foram se desenvolvendo, percebemos que as crianças não conheciam muitos conceitos e palavras gráficas, mas isso não

impossibilitou suas descobertas. A primeira delas foi a identificação de caracteres-letas que faziam parte do seu nome ou do nome dos colegas.

Também foi interessante observar a evolução na abordagem do cardápio em relação ao trabalho anterior com a receita. Anteriormente, cada criança tinha sido convidada a circular os caracteres-letas que encontravam no texto e que faziam parte do seu nome. Desta vez foram convidadas a circular a palavra inteira que continha parte de seu nome.

Esta atitude foi importante para iniciarmos uma distinção entre letras e palavras, porque sempre que uma criança dizia “Encontrei o meu nome” tínhamos uma oportunidade de comparar graficamente o nome com a palavra encontrada, mostrando que se tratavam de palavras diferentes, mas com um ou mais caracteres-letas em comum.

Outro aspecto abordado foi a percepção dos espaços em branco. Observamos que, inicialmente, as crianças circulavam linhas inteiras quando era solicitado que circulassem apenas uma palavra. Acreditamos que isso ocorria porque elas não tinham elaborado o conceito de palavra. Aos poucos, os espaços em branco foram evidenciados. Deste modo, o conceito de palavra gráfica foi sendo elaborado.

As imagens, tão importantes para a descoberta do texto, foram apresentadas pouco a pouco. Para essa tarefa, contamos com a participação da nossa querida e gentil cozinheira, que diariamente enviava uma fotografia do almoço para complementar o nosso texto. Cada imagem era apresentada às crianças acompanhada da seguinte frase: “Olhem o que a Jana mandou para a gente!”

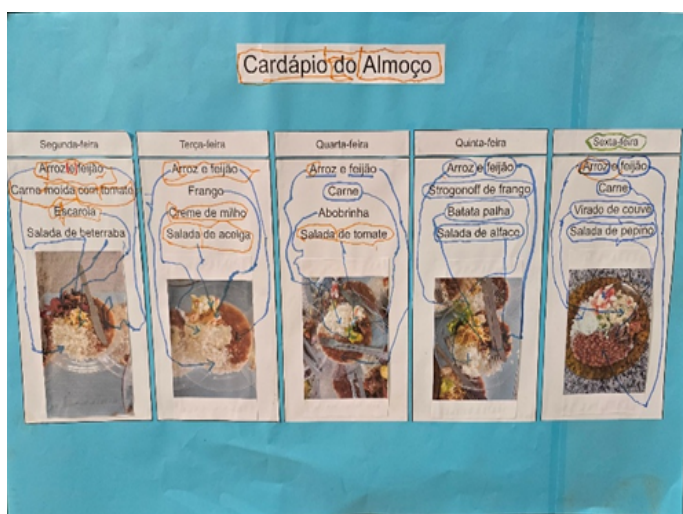
Observamos que houve uma evolução nas hipóteses.

Uma criança sugeriu que “o texto era sobre a letra A” (caractere-letra encontrado com frequência durante o momento de descoberta); outra disse que o texto era sobre o seu nome (já que havia encontrado

caracteres-letras em comum). Foi a partir das fotografias que surgiu a hipótese de que “o texto fala da comida da Jana”.

Depois de muito explorar o cardápio, as crianças descobriram ainda palavras gêmeas que se repetiam ao longo do texto. Reconheceram os nomes dos dias da semana, tendo como referência o registro gráfico feito diariamente na lousa durante a organização da rotina. Apesar de tantas descobertas e mesmo com as diversas hipóteses levantadas, elas sabiam que só teríamos certeza sobre o que era o texto depois de compreendê-lo.

Da mesma forma como feito com as imagens, o ato de ler o texto também foi gradativo. Começamos com a leitura do cardápio de segunda, depois com o cardápio de terça. As crianças observaram o que a fotografia representava e como estava escrito. Foram convidadas a relacionar as palavras gráficas a sua representação na imagem.



Fonte: Arquivo da professora.

Quando perceberam que tanto a fotografia quanto o texto se referiam ao almoço da escola, puderam antecipar o que estaria escrito nos próximos dias. Após uma semana de descoberta do texto, fizemos a pergunta: “Para que ele serve?”. Uma criança respondeu: “Para ver fotos de comida”. Então reformulamos a pergunta: “E se o texto não tivesse fotos? Quem lesse iria descobrir o quê?”. A conclusão foi a de que, quem lesse, descobriria “as comidas do almoço que a Jana faz para as crianças da escola”.

Na semana seguinte, retomamos o texto de uma forma diferente. Considerando que o cardápio

escolar muda semanalmente, não faria sentido trabalhar com o cardápio do almoço da semana anterior.

Por isso, propusemos um retorno ao gênero com o cardápio do lanche da semana.

Rapidamente as crianças observaram que se tratava do mesmo gênero devido a palavras repetidas, como os dias da semana, e à organização em formato de tabela. Após a leitura da refeição de segunda-feira, perceberam que aquele era o cardápio do lanche e não mais do almoço. Foi incrível como as crianças se apropriaram do gênero e como o conteúdo foi incluído nos conceitos do cotidiano.

As crianças eram sempre convidadas a manipular as palavras, a identificá-las e marcá-las no texto. Também foi proposto que, a cada dia, um grupo diferente fosse responsável por fazer um cartaz do cardápio do lanche para ser exposto para todas as turmas no refeitório da escola.

Durante a semana, cada grupo deveria manipular as palavras recortadas, compará-las com as do texto de referência, ordená-las e colá-las corretamente para elaboração dos cartazes. Nesses momentos, as crianças eram levadas a fazer reflexões importantes sobre o sentido da escrita e sobre o conceito de palavra: “Qual é a primeira palavra do texto?”, “Qual é a próxima palavra?”, “Onde essa palavra começa?”, “Onde ela termina?”.

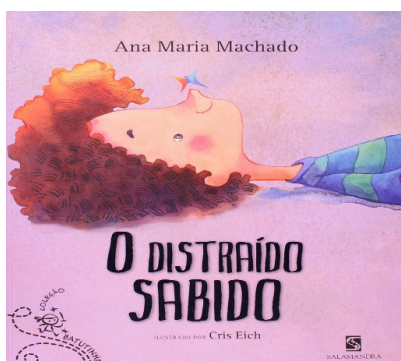
As crianças também foram convidadas a fazer as fotografias do lanche para ilustrar o cardápio. Na semana seguinte, acreditávamos que não haveria mais interesse, mas a turma quis retomar o trabalho. Propusemos a digitação do cardápio da semana.

Tudo isso gerou desdobramentos na produção artística. Construíram alimentos com massinha de modelar, fizeram desenhos do lanche da escola e realizaram pesquisas sobre alimentos saudáveis no ateliê de recorte e colagem.

Em síntese, chegamos à conclusão de que essa prática possibilitou a reflexão sobre importantes aspectos da linguagem escrita, o desenvolvimento da consciência gráfica e a descoberta da função social do gênero estudado, de forma contextualizada, envolvendo outros segmentos da escola — como a cozinheira, que compartilhou as primeiras fotografias, e as outras turmas que compuseram o Outro a quem se destinou os cartazes elaborados pelas crianças.

MURAL

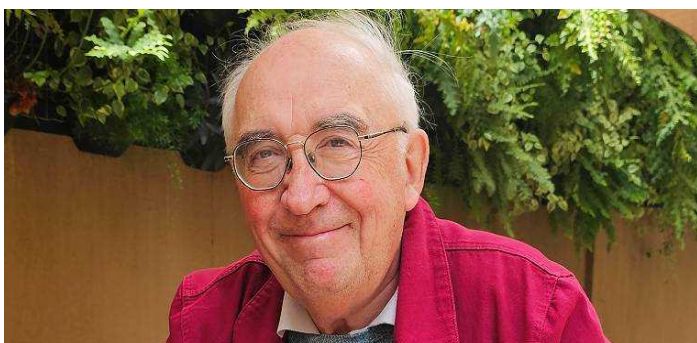
LITERATURA NA RODA



Pedrinho era um menino muito curioso. Numa conversa com os pais, colegas ou em qualquer situação, ele parecia estar sempre “no mundo da lua”. Certa vez, quando o grupo da escola foi fazer um passeio pela mata, Pedrinho mostrou-se um distraído sabido. Sua atenção estava voltada para a observação de coisas que os outros nem percebiam. Será que pode haver alguém sabido e distraído ao mesmo tempo? (Editora Salamandra) (<https://cristinasaliteraturainfantilejuvenil.blogspot.com/2012/05/o-distraido-sabido-de-ana-maria-machado.html>)

ENTREVISTA

Em entrevista ao Porvir (agência de jornalismo) veiculada por Vinícius de Oliveira, em 16 de outubro de 2025, o sociólogo francês Christian Laval analisa os riscos da mercantilização da escola e destaca a urgência de recuperar o sentido coletivo e democrático da educação. Excelente reportagem! Acesse o link que está abaixo.



Resistir não basta. Precisamos de um projeto claro de escola democrática, diz Christian Laval - <https://bit.ly/48A7bsH>

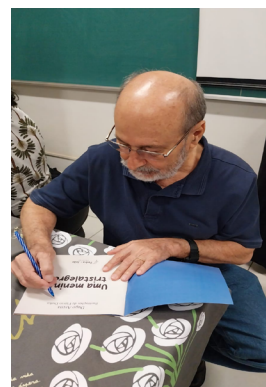
EVENTOS

Será realizado de 11 a 13 de novembro de 2025 o evento que reúne o **VII Congresso Nacional de Formação de Professores** e o **XVII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**. O evento é uma promoção da Pró-Reitoria de Graduação da Unesp e acontece no Hotel Monte Real – Águas de Lindoia/SP. O evento se realiza sob o tema **Ousar formar professores para novas relações com conhecimentos, ciências e culturas**.

De 05 a 07/11/2025 realiza-se na Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns - Garanhuns – Pernambuco, o **IV Congresso Internacional em Políticas, Práticas e Gestão da Educação e II Congresso Híbrido: Conectando Teoria e Prática** Com transmissão *online*.

LANÇAMENTO DE LIVROS

No mês de outubro de 2025, Drica Arena e Dago Arena lançaram seus livros dedicados às crianças: *Onça!* e *Uma menina tristalegre*, respectivamente. Estiveram nas cidades de Quintana e Garça e, também, na Unesp/Marília, no espaço “Mundinho da leitura”, do Grupo da Profa. Cyntia Giroto (fotos abaixo).



Expediente e atendimento ao leitor pelo site: <https://nahum-lescrever.com.br/>

Todos os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ou imagem aos responsáveis por este boletim. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.